

País pode ampliar crédito do FMI, diz especialista

Ex-funcionário do Fundo, Morris Goldstein prevê também 70% de chances de renegociação da dívida

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON – Morris Goldstein, um especialista em crises financeiras do Instituto de Economia Internacional, está convencido de que, se o Brasil precisar de mais uns US\$ 10 bilhões a US\$ 15 bilhões do Fundo Monetário este ano, além dos US\$ 9,9 bilhões a que deve ter acesso a partir de amanhã, não terá maiores problemas para conseguir o crédito adicional. Mas o economista, que já trabalhou no FMI, estima em 70% as chances de o País vir a ser forçado a reestruturar sua dívida externa até o fim de 2003.

Esse tipo de previsão provoca reações coléricas no governo brasileiro. “Esse cara não entende nada de Brasil e não há nenhuma ba-

se para esse tipo de previsão”, disse um alto funcionário do governo. Mas, ao contestar Goldstein, o alto funcionário traçou um quadro realista sobre os perigos à frente. “Ou teremos uma crise entre agora e o fim do ano, ou no início de 2003, ou não teremos crise nenhuma.”

“O problema que o Brasil enfrenta na economia é político: os investidores estão com medo de o Lula ganhar e não pagar a dívida, ou de o Lula ganhar e reduzir o saldo fiscal primário, que é outra maneira de dizer que não vai pagar a dívida.” Segundo o funcionário, “se o candidato vencedor disser que vai manter o superávit primário de 3,75% e vai pagar a dívida nos prazos e nos termos em que ela foi contratada, sem falar em renegociação voluntária, não vai haver crise”. Se isso não acontecer, “a crise ocorre antes de 2003”.

Goldstein reconhece que não é especialista em Brasil. “Mas entendendo de crises financeiras internacionais e sei que, nos últimos 25 anos, apenas um país, o Chile, conseguiu superar uma situação de fi-

nanças externas difícil sem reestruturar sua dívida externa.” Ele acrescentou que não lhe dá nenhum prazer fazer esse tipo de previsão. “Espero, sinceramente, que esteja errado sobre o Brasil.”

Para o economista, nenhuma das duas posições que dominam o debate político no País são persuasivas. A primeira, que tende a ser enfatizada pelos simpatizantes de Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato do PT ao Planalto, “é que uma renegociação da dívida fará os problemas financeiros do Brasil desaparecerem”. A outra, do governo, é que a turbulência atual é apenas reflexo “do nervosismo provocado pela vantagem de Lula nas pesquisas e que a dívida, em si, não é um problema”, disse Goldstein.

Jantar – “Claramente, as preocupações dos investidores aumentarão se eles se convencerem de que Lula ganhará as eleições, porque há dúvidas sobre se ele manterá o saldo fiscal primário”, explicou ele. Da mesma forma, a maioria

dos analistas e investidores reconhece que “a situação do Brasil é muito melhor do que a da Argentina”.

Na opinião de Goldstein, a briga pela sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso aumenta

PREVISÃO
NÃO AGRADA
GOVERNO
BRASILEIRO

as incertezas porque uma questão central da disputa é a responsabilidade pela dívida. Para Lula e seus simpatizantes, o tamanho da dívida e a possibilidade de o Brasil vir a ter que renegociá-la comprovam o fracasso da atual política econômica.

“Ocorre que o desafio que o Brasil poderá ter que enfrentar é reestruturar, mas mantendo e aprofundando as políticas fiscal e monetária do atual governo”, disse Goldstein. “Uma reestruturação que não seja acompanhada por políticas fiscal e monetária responsáveis, com metas de inflação, e por um forte trabalho para aumentar as exportações, seria perda de tempo.” Por essa razão, o economista dá um conselho ao candidato do PT. “Em vez de criticar o Arminio Fraga, o Lula deveria convidá-lo para jantar.”